

Marina Silva Alemcar

O última canto
da

cisne



Marina Silva Alemcar

O última canto

da

cisne





Sumário

Prefácio.....	7
Prólogo	10
Capítulo 1: O início do caso	13
Capítulo 2: O teatro	18
Capítulo 3: O cisne negro	23
Capítulo 4: A procura de mais pistas.....	30
Capítulo 5: A carta.....	35
Capítulo 6: O fim?.....	42
Notas da autora.....	49
Notas da Olívia	51
Extras por Ellen Noleto.....	53
Agradecimentos.....	57
Biografia	58



Prefácio

Na penumbra de um palco de teatro que respira mistérios, cada investigado guarda segredos e cada suspiro, uma história não contada. Este livro é uma jornada por labirintos emocionais e psicológicos, onde o suspense se entrelaça com a vida cotidiana. À medida que você vira as páginas, prepare-se para ser transportado a um mundo onde a confiança é uma ilusão e a verdade é frequentemente mais estranha do que a ficção.

Aqui, as personagens não são meras participantes; são reflexos das dúvidas e temores que habitam em todos nós. Com suas decisões, revelações e reviravoltas, elas nos conduzirão por uma trama cheia de tensão, onde cada detalhe pode ser a chave para desvendar o enigma central: quem matou o cisne branco?

Convido você a mergulhar de cabeça nessa narrativa envolvente, a sentir cada batida do coração e a questionar suas próprias certezas. O que está oculto sob

a superfície pode ser mais aterrorizante do que você imagina. Prepare-se: o suspense começa agora!

Boa leitura!

Vera Abreu
Coordenadora do Colégio Pro Campus Júnior



Prólogo

14/06/1965 22h30

A noite estava fria, mas muitos estavam na fila em um majestoso teatro da capital paulistana, conhecido por ser um espaço da mais alta elite da cidade, a peça que estava em cartaz seria atuada por uma equipe de teatro do Rio, um grupo mediano em relação as suas apresentações, mas estavam dispostos a retratar um balé clássico: O majestoso lago dos cisnes.

A bilheteria não havia sido muito disputada, porém o teatro estava muito cheio, e quando todos haviam se acomodado em seus assentos as luzes foram escurecendo-se aos poucos e então os dançarinos entraram graciosamente no palco. A música clássica acompanhava tudo de forma envolvente em cada cena. Durante a primeira aparição do cisne branco, a plateia ficou eufórica e deslumbrada coma a atriz, o cabelo loiro marcante acompanhava os movimentos com

destreza e a roupa branca cintilava a cada salto, e o cisne negro também teve um tom de surpresa em sua dança, chamando a atenção de todos.

A apresentação estava chegando ao fim, no último ato, durante a dança dos dois cisnes, as duas bailarinas saltaram um do lado da outra, o cisne negro caiu dramaticamente na finalização do salto, a bailarina loira se virou para o público para agradecer e repentinamente o teatro ficou escuro, a plateia estava em choque e assustada, os porteiros procuraram o gerador de energia do teatro e durante a procura, ocorreu um forte estrondo vindo do palco. Quando acenderam as luzes, a doce melodia do palco logo virou uma doce tragédia, a roupa do belo cisne branco logo ficou vermelho sangue, a bela cor atraiu os olhos do público, transformando os aplausos viraram gritos, o riso em choro e a agonia se instalava no palco do luxuoso teatro de São Paulo.





Capítulo 1: O início do caso

Meu escritório estava vazio há alguns meses e eu não estava mais tão ansiosa e animada como na inauguração, o meu único funcionário é o William, meu amigo desde a faculdade, a família dele é alemã, mas veio para São Paulo aos cinco anos. Nós éramos os únicos com descendência estrangeira da turma, acho que foi um dos poucos motivos pelo qual nos tornamos amigos, eu fazia enfermagem e o Will fazia direito penal, porém ele sempre me pedia ajuda nas inúmeras horas de estudo, no final de tudo me formei em enfermagem e em direito penal.

Dou um longo suspiro, e vou caminhando em círculos pelo meu escritório recém inaugurado, mas que parecia abandonado há anos, e repentinamente a porta se abre com força, fazendo um barulho forte que me faz cair no chão.

— Olivia! Eu poss...- Ele olha em volta e logo me vê caída no chão.

— Via, peço desculpas pela entrada, você se

machucou?

— Não. Não me machuquei William, mas porque você não bateu na porta, seu idiota!- me levanto devagar com a ajuda do Will.

Depois de me levantar, volto para a minha mesa, ele parecia bem ansioso, o cabelo marrom estava levemente bagunçado e ele vestia uma roupa social branca com um colete preto por cima. Não sei se é algo da família do William ou se é por ele próprio, pois desde que eu o conheço, ele sempre esteve muito bem arrumado.

— Deixa-me adivinhar, você quer sair mais cedo de novo, não é?

— É isso mesmo, já que nós não temos nenhum cliente, eu queria te pedir para sair mais cedo porque eu vou...

— Para a estação de trem. Não se preocupe, eu também estava pensando em fechar mais cedo.

Ele me olha com muita surpresa- Como você sabia?

— Percebi que você estava, muito ansioso, e vi também um bilhete de trem saindo do seu bolso- pego a minha bolsa e as chaves do escritório.- Vai visitar os seu país?

— Vou sim, eu falei que irá vê-los logo.

Nós dois nos despedirmos, cada um para o seu lado. As ruas estavam vazias, o céu cheio de nuvens de

chuva, as belezas de São Paulo, os jornais noticiavam protestos que aparentemente atacavam a república, acho impressionante como eles conseguem reprimir o que as pessoas dizem e pedem tão alto, realmente a ganância já domina este país há um bom tempo, não existe amor ou piedade por aqui.

Meu prédio é bem afastado do centro, ele é bem antigo como os seus demais moradores, a maioria das pessoas acham idosos muito melancólicos, mas minha vida sempre estava cercada de pessoas mais velhas, especificamente minha *abuela*. Apartamento 137B, minha casa desde que saí da faculdade, paredes em tons mais escuros, moveis de couro e alguns quadros, minha cozinha é o cômodo mais “vivo” e provavelmente o único. Meu pai era colombiano e as únicas lembranças que eu tenho dele estão na cozinha, acho que o único motivo de eu não ter entrado em depressão foi por que tento fazer suas receitas. Quando eu era mais nova, uns 8 ou 9 anos de idade, ele não chamava o meu nome só de *mi hija*, antes dele morrer a única coisa que me lembro dele ter falado: *Hija, se tu madre preguntar, Yo estoy na cama*, logo depois de algumas horas ele estava na cama parado sem se mexer, alguns anos mais tarde minha mãe decidiu que nós iríamos nos mudar, conheci o William, me formei e abri uma agência de investigação particular que não tem nenhum cliente.

Dou um longo suspiro, pego uma caixa que estava

na mesa de centro, tiro um cigarro e o acendo, vou para a varanda e me sento em uma cadeira. Dou mais um suspiro, liberando a fumaça do cigarro, observo o céu cinza que parecia estar carregado, não de água, mas sim de arrependimento, o clima parecia representar o que eu estava sentindo, uma decepção de não estar me esforçando o suficiente, retiro o cigarro da boca e jogo a cabeça para trás.

— Pai...por favor, me ajuda! Me mande algum sinal ou algo parecido, mas por favor me fala que eu estou no caminho certo, por favo!

Coloco novamente o cigarro na boca, e de longe ouço alguma coisa tocar, salto da cadeira e procuro de onde o barulho vem, era o telefone que estava na cozinha. Poderia ser!? O destino finalmente teria ouvido as minhas preces? Rapidamente atendo o telefone, na outra linha estava uma mulher mais velha, consegui percebe pela voz mais arrastada.

— Boa noite, desculpa o incomodo, mas eu estou falando com a senhorita Hernández?

— É com ela mesma com que a senhora está falando.- digo nervosa

— Ah senhorita, sou a dona do teatro Gran Royale e preciso de sua ajuda urgentemente. Na semana passada ocorre um terrível...- Ela dá uma pausa muito longa.

— Um terrível o quê, minha senhora?

— Um assassinato! Uma atriz foi morta enquanto ela estava dançando no meu teatro, fiz de tudo para abafar o caso, mas preciso que algum investigue quem foi que a matou! A senhorita estaria disposta a me ajudar?

Meu rosto estava imóvel, finalmente um caso, uma chance de provar que eu sou capaz de desvendar algo, uma chance de mostrar que está é a minha vocação, o motivo de meus anos de estudo e dedicação.

— Senhorita?

— Eu aceito o caso, senhora! Irei para o teatro amanhã à tarde, pode pedir para que todos os funcionários presentes na noite do assassinato estejam lá.

— Muito obrigado, minha querida!

A senhora me passou o endereço e eu desliguei o telefone. Então este era o dia, o dia que eu finalmente posso provar para minha mãe que ela estava errada, agora eu não tenho mais motivos para chorar.



Capítulo 2: O teatro

Grande. Minha primeira impressão quando vi o Gran Royale, era muito antigo com detalhes de estatuas na porta e havia um letreiro escrito: “ O lago dos cisnes” e embaixo havia “ESGOTATO”. Era muito difícil acreditar que havia acontecido um assassinato ali a tão pouco tempo, eu e o William estávamos esperando alguém abrir as portas. Pela demora eu abri a minha bolsa, peguei um cigarro e acendi, Wil olha para mim com olhar amigo e preocupado.

– Tá nervosa?

– Óbvio, é o nosso primeiro caso e eu quero muito resolve-lo.

– Eu entendo, mas não se cobre tanto- ele coloca a mão no meu ombro- você vai solucionar esse mistério.

A porta vermelha se abre, um senhor com cabelos grisalhos com um rosto mal-humorado, ele vestia um terno preto bem fino. Ele nos convidou para entrar, seu nome era Ernesto, um dos funcionários mais antigos do

teatro, durante o caminho até o palco tentei fazer algumas perguntas sobre a atriz, mas as respostas foram resmungos.

Quando chegamos ao palco, tentei ver alguma marca de sapato no chão já que não sabíamos de onde o tiro veio , infelizmente não tinha nada, verificamos cada canto do local para ver se poderia ter alguma pista, um relógio talvez uma joia.

— Achou alguma coisa?

— Nada ainda- vou ao centro do palco e olho para os assentos- acho que é melhor perguntarmos para os atores que viram o que aconteceu exatamente para termos alguma pista.

Alguns minutos depois, uma senhora com um casaco enorme de plumas vermelhas com um chapéu de aba larga, era uma roupa exagerada para usar se contar que estava muito quente lá dentro, ela aparentava ter uns quarenta anos era difícil saber por causa da maquiagem excessiva.

— Licença, o que os senhores estão fazendo aqui? O teatro está fechado.

— Viemos para investigar sobre o assassinato que aconteceu aqui recentemente- disse o William andando até a mulher, que ficou muito chocada com a fala.

— Ah então você deve se o tal Hernández que a dona desse lugar contratou.

— Senhora, na verdade- dou um passo à frente-

Eu sou a Hernández. Olívia Hernández, ele é o meu assistente William.

A mulher me olhou de cima a baixo com um olhar julgador. Para ser sincera, eu já esperava uma reação parecida, não é muito comum ter uma investigadora por aqui ou em algum lugar, eu sabia que iria receber muitas críticas quando resolvi criar uma agencia de investigação. Ela parou de me analisar e começou a apertar minha mão com muita força.

— Muito prazer senhorita Olívia! Meu nome é Margô e sou a diretora da Companhia de Teatro Renascer - ela parou de apertar a minha mão- Minha querida, aquilo foi uma tragedia! Uma tragedia! Ela era a estrela do nosso grupo, um lindo pássaro branco que estava voando até o topo...

Nos dois ficamos quietos, não queríamos interromper o monologo dela por mais que ele fosse grande demais, deveria ser a forma dela de lidar com a perda, porem alguém apareceu atrás da cortina, uma moça ruiva com os olhos castanhos com um vestido azul com mangas longas, que davam um ar de menina.

— Madame Margô, com licença- disse a moça com uma voz tímida.

— O que foi agora Daniella?! Não vê que estou ocupada com os nossos visitantes.

— Desculpa, mas é que o coreografo quer falar com a senhora, parecia urgente.

— Entendo, você pode falar com os investigadores sobre a Sophia?- com a fala a ruiva ficou com o rosto mais cabisbaixo.

A Margô saiu, então a Daniella nos mostrou os bastidores e os dançarinos, ela falava que a Margô era bem excêntrica, mas era uma pessoa legal e uma diretora muito rígida, a Daniella dizia que ela e a Sophia eram amigas de palco.

— Ela era uma pessoa muito gentil, mas ela se cobrava demais principalmente quando os pais dela vinha para as apresentações, acho que queria deixá-los orgulhosos, ela faz falta...- ela começava a lagrimejar

— Está tudo bem!- falo com uma voz amiga- Nós vamos descobrir quem fez isso com a sua amiga, não é Will?- ele acena positivamente com a cabeça.

— Obrigada, acho que eu precisava de algumas palavras de incentivo- ela fala enxugando as lagrimas- Tem algumas bailarinas que estão dispostas a falar sobre o que aconteceu.

Havia muitas bailarina e alguns assistentes de palco que queriam falar para nós sobre a Sophia. Ela tinha 23 anos e era muito próximas de todos do grupo, eles estavam bem abalados sem ela por lá porem estavam querendo respostas.

— Você deveria falar com a Eleonor, ele faz o cisne negro, e sempre esteve bem próxima dela mais sempre muito reservada, acho que ela tinha inveja da Sophia.

— Onde ela está agora?



Capítulo 3: O cisne negro

O corredor era bem longo, havia varia cadeiras postas com os nomes do elenco e perto do último camarim, ao meu lado direito tinha uma estrela dourada brilhante escrito "Sophia Hans". Eu iria até o fim para descobrir quem fez isso com ela, morrer repentinamente não deve ser bom para ter um descanso eterno, me virei até a última porta, bati três vezes e ela abriu-se.

— Boa tarde! Posso ajudar em alguma coisa?

A mulher tinha cabelos castanho volumosos, uma pele morena clara, com olhos cor de esmeralda vivos, usava um vestido vinho com um casaco preto com detalhes dourados por cima, a voz parecia cansada e arrastada.

— Boa tarde, você é a Eleonor?

— Sim, e a senhorita seria...?

— Sou a investigadora Hernández. Olívia Hernández. A senhora teria um minuto para conversar?

— Claro. Claro, pode entrar.

Ela me deixou entrar primeiro. O camarim tinha um lustre cristalizado, as paredes tons de vermelho, tinha fotos de manchetes do teatro em seus antigos dias de glória, a Eleonor me direcionou até o sofá enquanto ela se sentava no divã.

— Gostaria de um café ou um chá? Ela me pergunta com um sorriso dócil.

— Não obrigada. Eu gostaria de ir direto ao assunto, suas colegas me falaram que você era bem próxima da Sophia, bem mais do que as outras.

Ela me olhou profundamente, deu um suspiro. Isso é verdade, eu tinha um respeito pela Sophia. Ela brilhava no palco, parecia o próprio sol, ela era a única pessoa que me tratava de forma igual, e é por isso que elas falaram para você vir aqui, não é mesmo? Já que ela me tratava com um certo respeito.

A fala dela me pegou de surpresa, então ela já sabia que ela iria ser considerada uma suspeita, foi uma boa dedução, a dançarina parecia querer que ela fosse culpada. *Touché!*, minha cara, mas eu consigo me sobressair.

— Sim elas tinham um certo tom de ódio na voz por mais que tentassem esconder, porém já que a senhorita sabia que eu iria vir até aqui poderia ter feito esse discurso comovente para se passar por inocente.

— E eu sou inocente, eu quero ajudar, se houver

alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, alguma informação, ela havia ficado muito estranha desde que a gente chegou.

— Estranha de que modo? Poderia ser nervosismo. Lugar novo e uma apresentação importante.

— Talvez- deu um suspiro- mas quando nós chegamos, ela começou a ficar mais distantes, as meninas também falavam que era nervosismo, mas ela começou a tratar as pessoas com raiva.

Me lembrei do Ernesto, ele estava com raiva quando eu mencionei a Sophia, provavelmente ela havia tratado o pobre senhor mal.

— Ela tratou mal até a Margô. Ela pediu para que antecipasse o espetáculo. Ela pediu...não insistiu muito, então ela começou a faltar de forma mais frequente aos ensaios.

— E vocês não sabiam para onde ela ia? Se não ela não estava no teatro provavelmente estava na cidade.

— Não, acho que ninguém sabe. Talvez o faxineiro geral saiba, ele vive perambulando o teatro, o nome dele é Roberto, se não me falha a memória, ele vai estar aqui amanhã.

Depois da nossa conversa, eu estava na porta do teatro para ir embora, o William iria me acompanhar, mas ele saiu mais cedo, talvez ele já havia achado mais suspeitos do que eu, porem inesperadamente ouço uma

voz na porta.

— Espera! Só um minuto!

Era a Eleonor, andando na minha direção, usando o mesmo casaco preto, só que com um chapéu vermelho de abas largas parecido com o da Margô, ele parou na minha frente ofegante por causa da corrida que ela fez do camarim até a porta do teatro, era um caminho bem complicado eu quase me perdi.

— Desculpa, eu sei que eu estou tomando um pouco do seu tempo, mas eu poderia te perguntar uma coisa?- confirmo com a minha cabeça- Você mora em um prédio bege antigo ao lado de uma padaria chamada “Bella Paulista”¹ – afirmo novamente com a cabeça- Ah, a que eu estou morando perto e eu já tinha ouvido falar de você.

— Como você ficou sabendo de mim?- falo de forma assustada

— Eu falo muito com o pessoal do seu prédio, minha tia mora lá e eu estou ficando na casa de um padrinho meu, as senhoras do seu prédio falaram que havia uma moça investigadora recém formada morando lá, eu só não esperava que iria encontrá-la tão cedo.

Instinto nato, curiosidade, um raciocínio lógico

¹ A padaria Bella Paulista existe na vida real, é um lugar que visitei quando fui para São Paulo, e por lá tem o prédio com qual me inspirei para fazer a moradia da Olívia.

bem rápido e atenta aos detalhes, isso era impressionante ela havia descoberto onde eu morava em poucos minutos depois da nossa conversa, isso me impressionava e me assustava ao mesmo tempo, isso a deixava mais suspeita.

— Eu sei que sou uma suspeita por assassinato, mas eu poderia te acompanhar até em casa, normalmente eu iria sozinha, porém a Margô fez com que todos ficassem aqui para a investigação e eu não gosto de andar sozinha à noite, e se eu fosse com você me sentiria mais segura.

— E como eu posso ter a certeza que você não vai me apunhalar pelas costas e me enterrar em algum terreno baldio ou, não mandou alguém fazer esse “serviço sujo” para parece um acidente.

— Você realmente não confia em mim nem um pouco, não é?

— Gosto de me prevenir, afinal minha vida pode estar em jogo.

— Não acha que o risco vale a pena? Caso uma das suas hipóteses estejam corretas já vão saber que sou eu-ela aponta para o Ernesto que estava saindo do teatro também, nos cumprimentou e seguiu seu caminho.

— Isso foi uma confissão?! Ou interpretei mal?

— Isso foi uma observação, pode interpretá-la como quiser.

Então ignorando os meus instintos, eu e a Eleonor

fomos caminhando á noite até o nosso destino, eu ainda estava insegura com a probabilidade de uma traição, mas ela parecia estar bem calma não parecia estar tramando nada. O ar frio da noite nos acompanhava, os postes quase apagados eram a única coisa que iluminava as ruas, nós duas andávamos sem trocar palavras, e de repente ela parou, encarando o céu.

— A lua está linda hoje, não é?- disse ela com os olhos esmeralda brilhando para o astro.

Quando eu tinha 6 anos de idade, tivemos que passar um tempo no interior e a noite meu pai me acordava, e ficávamos acordados olhando as estrelas e as constelações em silêncio. Depois que me mudei não consegui continuar o habito de olhar paras as estrelas já que não era mais possível vê-las no meu apartamento então comecei a olhar pra lua.

— As estrelas devem estar bonitas também, mas é melhor nos irmos logo, não é seguro ficarmos aqui paradas no meio da calçada.

Durante o resto do caminho continuávamos em silêncio, mas um silêncio mais amigável, de não termos mais nada para falar ou talvez nem precisávamos, de vez enquanto nos encarávamos sorrindo uma para a outra, então nós chegamos na porta do meu prédio.

— Então, ainda acha que foi uma aposta arriscada? Senhorita Hernández?

— Pode me chamar de Olívia, talvez eu estivesse

um pouco errada sobre você, se você fosse culpada não teria o trabalho de me acompanhar já que a distância de mim seria melhor.

— Obrigada pelo voto de confiança.- ela segurou a minha mão direita e olhou nos fundos dos meus olhos- Olívia, eu quero te ajudar. Quero vingar a minha amiga, queria poder ajudar a única pessoa que...- os seus olhos começaram a se encher de lágrimas, ela tropeçava nas palavras, então eu a abracei com muita força- Que me respeitou, que me tratou como um ser humano!- os lágrimas caíam no meu ombro.

— Não se preocupa, vai ficar tudo bem- segurei o rosto dela e tentei limpar as lágrimas que insistiam em continuar caindo- Nós vamos descobrir quem fez isso. Entendeu?- falei passando a mão nas suas bochechas.

Ela concordou com a cabeça, depois de limpar suas lágrimas, ela foi embora e desapareceu da minha vista. Subo as escadas até o meu apartamento, pego algumas cartas(em sua maioria da minha mãe),vou até a minha sala e coloco em uma estação de rádio qualquer, a letra dizia: “E você de que lado está? Estou do lado do bem, com a luz e com os anjos”². Enquanto tomava meu café, olhando para a lua, enquanto pensava se eu havia tomado no caminho certo.

² Trecho da letra de “Duas tribos”, música da banda Legião Urbana.



Capítulo 4: A procura de mais pistas

Cheguei mais cedo no teatro, o Ernesto, que parecia estar de bom humor, me falou que a dona Margô estava me esperando no palco, achei um pouco estranho, mas fui em direção a casa de espetáculos, eu abri a porta e vi que eles estavam tendo um ensaio, a Margô estava sentada em algumas poltronas na frente e as dançarinas estava dançando lindamente, então fiquei a algumas cadeiras atrás da Margô, logo atrás de mim aparece o Will.

— Bom dia, Via! Desculpa não ter esperado você ontem, é que você demorou muito, porém eu tenho uma notícia muito boa pra te contar, o coreografo falou que tem um cara da iluminação de palco que pode nos ajudar, o nome dele é Vitor.

— Isso é bom, ele pode nos dizer sobre o apagão que aconteceu durante a apresentação. Ah, acabei de me lembrar tenho que te contar.

— Bam!

O barulho vinha do palco, a Daniella estava com uma roupa branca cintilante com um tule grande, usava uma tirara com perolas, ela parecia um cisne branco. Um cisne branco que havia tido uma queda brusca no ar, a Margô saiu do seu assento, esbravejando até o palco.

— Pelo amor de deus! Daniella! Já é a quinta vez que nós fazemos essa cena e você não fez esse salto sem cair no centro do palco!

A Daniella tente se levantar com a ajuda dos outros dançarinos, ela estava cansada e bem ofegante devia ser por essa sequência intensa de saltos, provavelmente ela é a substituta da Sophia, mas acho que ela está sendo bem pressionada.

— Margô, acho melhor você pegar menos no pé da Dani, ela ainda tá meio abalada por causa de tudo...de tudo que aconteceu- disse a Eleonor caminhado até a diretora.

— Se ela está desse jeito é por culpa sua.- disse uma dançarina no fundo.

— Como assim minha culpa?!

— Não se faça de besta, todos nós temos certeza que você é a responsável pela morte da Sophia- disse outra dançarina- Não vejo a hora daquela investigadora te desmascara!

— Eu tinha o maior respeito pela Sophia! A Margô sabe muito bem disso!

— Para de ser fingida, sua nojenta!- a mesma bailarina veio e deu um tapa na cara da Eleonor.

A Margô ficou ainda mais furiosa do que antes, e mandou aquela dançarina para atrás dos bastidores fazendo um discurso sobre respeito em grupo. Então eu e o Will saímos dos nossos lugares, subimos para o palco e fomos ver a Eleonor.

— Machucou? Precisa de gelo ou alguma coisa?- estendo minha mão para ela.

— Não, não machucou. Uma coisa que minha tia me ensinou é que devemos espera para dar o primeiro tapa para depois partir para briga- o William me encara com um olhar surpreso, a Eleonor percebe o olhar e pergunta para mim- Ele é um amigo seu?

— Sim, ele é o William meu parceiro de investigação.- me viro para o Will- Will, está é a Eleonor, nossa informante.

— Informante?

— Ela vai nos ajudar com informações mais específicas sobre os integrantes do grupo, os funcionários, para que nós consigamos acumular menos suspeitos.

— Isso é ótimo, via- ele pega a mão da Eleonor, com muita delicadeza-Muito prazer, Eleonor.

— O prazer é meu- ela dá um sorriso amigável.

— Certo, já que estão devidamente apresentados- separo os dois- Eleonor , o faxineiro geral está aqui?

— Sim, ele está arrumando algumas coisas lá no segundo andar, é só vocês pegarem a primeira escada, virar à direita e seguir reto, eu já vou indo a Margô está chamando os dançarinos-ela vai para os bastidores.

Nós seguimos em direção ao escritório, no caminho eu estava pensando muito naquela troca de olhares entre aqueles dois, pareciam tão íntimos e isso me dava raiva, não sei se era raiva talvez ciúmes, sinceramente eu não fazia ideia, mas o sentimento era perceptível já que o William estava com o olhar preocupado dele. Uma coisa interessante sobre o Will, é que ele consegue de alguma forma as emoções internas das pessoas, especialmente as minhas, ou seja, é irritante.

— Via...está com raiva de alguma coisa?

— Não, eu estou muito bem.

— Tem certeza? Você parece estar com muita raiva.

— Já falei que estou bem, só me responde uma pergunta, você já conhecia a Eleonor? Vocês pareciam bem amigos.

— Porque a pergunta? Eu acabei de conhecer ela-ele me fala com uma risada, uma risada leve e educada-Você ficou com ciúmes?

— Não! Para de ser idiota! Eu nunca teria ciúmes de você- fico vermelha de vergonha e raiva, logo o William começa a rir- Eu só não te jogo no buraco mais

próximo por que tenho muito amor no coração, tá ouvindo?

Nós havíamos chegado no segundo andar do teatro, nas paredes beges haviam alguns rostos dos antigos proprietários do teatro em ordem cronológica e no final havia achado o retrato da atual dona: “Amelia Barroso”, com letras mais cursivas. Então comecei a procurar o faxineiro, mas não havia ninguém no corredor, fiquei de frente da porta do escritório ,e para a minha surpresa ela estava aberta.



Capítulo 5: A carta

A porta do escritório estava aberta. Seria errado entrar? Mas se parar para pensar, poderia ter alguma pista sobre a Sophia, eu estava curiosa para ver o que havia ali dentro, quando eu estava prestes a abrir a porta, uma voz gritou no início do corredor.

— Ei! Podem me dizer o que estão fazendo aqui!- gritava com raiva

Era um homem com um macacão azul escuro, ele estava segurando um esfregão e um balde com vários produtos de limpeza. Ele veio em nossa direção, com passos fortes, e começou a fazer várias perguntas sobre o porquê de nós estarmos ali, quem nós éramos e etc. O William tentava responder todas as perguntas, então eu percebi que ele tinha um crachá amarelo escrito: “Roberto Garcia”

— Licença, desculpe atrapalhar o senhor, mas poderia responder algumas perguntas.

— Eu não tenho tempo para conversar, mocinha!-

ele me encara com raiva- *Yo no tengo paciencia para usted!*- ele sai bufando para as escadas.

— *Señor! Eres sospechoso de un asesinato*- falo com muita raiva em sua direção – e esperamos que coopere conosco.

Acho que eu o intimidei muito bem, porque ele estava suando frio depois que terminei de falar, a maioria das pessoas acham que já que eu não falo muito tem a ideia de que não sei me defender, mas se um homem levanta a voz pra mim eu vou com pra cima e começo uma briga, o William lembra que quando me conheceu, eu brigava muitos com os meninos da faculdade. Depois de alguns minutos, ele começou a falar sobre o que ele sabia sobre aa Sophia, ela havia sido bem grosseira com a maioria dos funcionários do teatro.

— Ela era bem grosseira, mas eu detesto admitir que ela era uma boa dançarina e atriz, os saltos mostravam vida e a emoção que ela passava para a plateia era visível.

— Você entende de dança? Porque essa sua fala parece ser muito técnica para um espectador.

— Eu...- ele dá um suspiro- Eu era um dançarino. Um dançarino amador, e eu nunca tive a oportunidade de ser convidado por um grupo de atores ou me apresentar em um teatro. Então eu tive que desistir desse sonho para pagar as contas.

— Hum. Sei como é – disse o William, quase sussurrando

— Essa Sophia também fazia umas coisas que eu não consigo entender, ela não deixava ninguém entrar no camarim, saía muito do teatro e ela falava regularmente com alguém no telefone.

— Você poderia dar mais detalhes sobre essas conversas?- pego um bloco de anotações na minha bolsa junto com uma caneta- Você conseguiu ouvir algo?

— Bem que gostaria de ter ouvido melhor, mas o máximo que eu ouvi foi um obrigada da mulher e em seguida a pessoa falou umas palavras esquisitas, acho que era um homem.

— Palavras esquisitas? Como assim?

— E eu vou lá saber! Parecia que estava xingando a mulher! Olha se eu fosse vocês, nem tentava descobrir mais alguma coisa sobre aquela megera, ela não se importava com ninguém, então por que alguém deveria se importar com ela?

— É o nosso trabalho- disse o William, com seriedade- Não nos importamos como a vítima era, mas todas as pessoas merecem descansar em paz.

— Isso pouco me importa- retrucou o faxineiro, com desdém- Agora, se já acabaram de fazer suas perguntas, eu tenho trabalho pra terminar- então ele pegou a vassoura e continuou seu trabalho.

Logo descemos os andares até os bastidores para continuar a investigação e falar com a Eleonor. No caminho, pensei sobre a Sophia, ela foi tão ruim com todos, mas o seu grupo ainda queria saber quem a matou, esse sentimento de lealdade era inspirador até, espero que ela esteja bem, o Will percebeu novamente o que eu sentia.

— Você está bem pensativa hoje, está muito quieta.- ele sorriu, como se tivesse feito uma piada ruim.

— Não é nada, só pensei um uma coisa boba.- retribui o sorriso.

Nós chegamos ao palco, e vimos a Margô nos encarando de uma forma quase assustadora, aquela mulher parecia estar julgando a nossas almas como se soubesse o que havíamos feito de ruim até hoje.

— Onde os senhores estavam?!

— Desculpe por isso Margô- tento falar sem gaguejar- Nós estávamos conversando com o faxineiro geral.

— Não estou interessada em saber sobre onde vocês estavam, no momento. Quero saber se vocês já acharam alguma pista ou descobriam o culpado.

— Não. Ainda não, mas estamos com alguns suspeitos em mente.- disse o William.

— Fico feliz em saber disso, a maioria de nós está um pouco... não dei dizer direito, mas muitos de nós

temos inimizadas mesmo sendo uma equipe que já está junta faz um tempo.

— Entendemos a situação, e desculpa perguntar, mas a senhora sabe onde está o iluminador de palco, já que ocorreu o apagão durante a apresentação.

— O Vitor? Ele deve estar dormindo em algum canto como sempre, aquele moleque pode ser um gênio, mas é péssimo em ter atenção nas coisas.

A Margô sai do palco indo para detrás da cortina. Fiquei refletindo um pouco para saber o que nós deveríamos fazer para encontrar o Vitor, decidi que iria falar com a Eleonor enquanto o Will iria procurar o nosso novo suspeito, entrei novamente até o corredor do camarim, e bati na porta da minha informante, ela abriu, o rosto ainda estava vermelho por causa do tapa, mas ela parecia entrar bem tranquila.

— Ah, oi Olivia, entra.

— Ainda dói?- digo fechando a porta.

— Não muito, mas não precisa se preocupar com isso- ela diz se sentando no divã roxo, colocando um pouco de chá em sua xícara- quer um pouco?

— Você não teria um cafezinho?- falo com um sorriso, ela o retribui colocando a mão no rosto vermelho.

Depois de uma longa conversa, ela havia me relatado que ouviu o Vitor dizer que os cabos não haviam sido cortados, já que eles haviam retornado em

seu devido lugar após o apagão, isso significa que o assassino tinha conhecimento de elétrica. Eu agradei pela informação e sai do camarim, ao fechar a porta percebi que o camarim da Sophia estava aberto.

“Estranho, achei que ele estava fechado, já que o Roberto falou que ela não deixava a porta aberta”- pensei

Então, eu entrei no camarim para encontrar algum vestígio antigo da vítima, ligo a luz e vejo o camarim bem arrumado e intacto, aparentemente. As paredes eram em tons mais claros, o lustre de joias era algo que chamava a atenção, o armário tinha vários vestidos brilhantes com plumas coloridas, na penteadeira havia várias cartas vindas do Rio, pelo conteúdo a mãe da Sophia estava tentando convencê-la a não deixar o grupo e ao lado das cartas havia vários comprimidos e remédios.

“Ela devia estar sobrecarregada com tudo. Eu te entendo.”

Olho para a penteadeira e vejo uma outra carta com um selo dourado endereçado para “A quem se interessar, leia”³. Achei confuso o destinatário, mas poderia ser uma pista importante, abri o envelope e li tudo, era uma carta da vítima dizendo e confirmando

³ Referência ao livro Biblioteca da Meia- Noite, um dos meus livros favoritos!

uma coisa inesperada, e ela mencionou uma coisa que eu me recusava acreditar, sai do camarim perplexa pela descoberta, porem eu tinha que guardar para explicar tudo amanhã. Segui o mesmo trajeto para casa, desta vez acompanhada pelo William pela Eleonor, os dois haviam se tornado “amigos” aparentemente, quando nos separamos, a Eleonor me pergunta porque eu estava tão quieta, eu forcei um sorriso e disse que estava tudo bem, entro logo no meu prédio até o meu apartamento, trancando a porta, eu pego o envelope da carta, com minhas mãos tremulas, ainda não acreditando que eu iria contar o que estava escrito, meu coração não queria fazer isso, eu queria mentir porem isso era algo que meu cérebro dizia que não, eu não queria entregar uma alma inocente, por fim o meu cérebro venceu dizendo para mim antes de deitar “ Não podemos misturar sentimentos e trabalho” .



Capítulo 6: O fim?

Não dormir a noite toda, minha cabeça que estava doendo muito se misturou com minha ansiedade de querer acabar com o caso, quando havia pegado no sono já era oito e meia da manhã, e contra a vontade do meu corpo fui até o teatro segurando a carta, queria muito que não tivesse que fazer isso, mas a minha razão tinha vencido os sentimentos a um bom tempo, então não tinha como voltar atrás na minha decisão, quando eu entro no teatro, vejo o William sentado me esperando.

— Bom dia! Finalmente você veio, eu já estava ficando preocupado- diz ele sorrindo.

— Fiquei com dor de cabeça a noite toda- falo num tom mais sério- Preciso que chamar todo mundo. Tenho que contar uma coisa importante a eles.

Ao terminar de falar, ele ficou com um olhar surpreso, porém não questionou o meu pedido e logo todos do grupo Renascer estavam no palco, todos muito

confusos se perguntado o que havia acontecido para eles serem chamados.

— Bom dia a todos, eu pedi para que vocês viessem aqui porque... — Dou um suspiro longo, porque eu descobri o assassino de Sophia Hans, o cisne branco.

O silêncio tomou conta do lugar, as expressões eram de surpresa, ninguém havia acreditado em minhas palavras, estava bem claro que ninguém esperava que no finalmente iriam descobrir o que aconteceu com sua amada colega, a Eleonor foi a primeira a quebrar aquele silêncio.

— Você descobriu?! Quem é? Por que isso aconteceu?- ela falava nervosa, tremendo o corpo.

— Calma Eleonor. Senhorita Olívia, você tem certeza que realmente descobriu o culpado- falou a Margô.

— Não se preocupe Margô, eu sei quem foi, e está tudo nesta carta- retiro a carta do meu bolso.

— Que carta é essa?- perguntou o William

— É uma carta escrita pela Sophia, antes dela morrer. Ela escondeu no camarim, ontem eu entrei lá e a li, ela é direcionada para vocês.

— Todos nós? Mas como assim?- perguntou uma dançarina.

— É melhor eu ler em voz alta.

Caros colegas ou quem encontrar esta carta,

Eu escrevo isto na esperança que ninguém encontre, caso alguém de vocês encontre peço que não me julguem por ter feito tal ato tão brutal, mas primeiramente devo explicar como cheguei a este ponto.

Quando eu era mais nova, eu queria ser uma professora, era algo que almejava do fundo do meu coração porem minha família sonhava em outros planos para mim, eles queriam uma bailarina na família, no início eu gostava de dançar, balé era um exercício ótimo para mim, mas com o passar dos anos a cobrança era mais contante e pior a cada ano que se passava. Eu não queria decepcioná-los, eles eram minha família afinal, então quando viram que eu havia me tornado uma mestra na dança, eles procuravam um grupo que me aceitasse, então encontrei vocês.

Foram momentos bons os que passamos juntos, eu me sentia mais leve porem eles sempre estiveram me controlando mesmo de longe, com a pressão tive que começar a tomar vários tipos de remédios para as inúmeras dores do meu corpo e na minha cabeça, escondi isso deles já que sempre me disseram que era besteira me preocupar com minha

mente, e que iria passar, porém não passou somente piorou a cada momento.

Depois de dois anos nessa vida de mentiras, eu havia tomando uma decisão, eu queria morrer, mas não poderia me matar já que sou católica e tirar minha vida seria algo vil e pecador, então quando fomos para São Paulo tratei todos com desdém de propósito para que quando fosse morrer ninguém iria se importar comigo e não descobrir nunca está carta. Eu estive em contato com o sujeito que iria me matar, um antigo amigo de infância que consegui manter contado me ajudou a fazer tudo, ele disse que estava em um novo trabalho, algo que poderia estragar sua vida, porém ele estava disposto a me ajudar, me culpo por te pedido isso a ele.

Este é o meu adeus final meus caros amigos, peço novamente que não me culpem por ter feito isso, sei que errei e devo estar pagando pelos meus pecados neste momento, espero que possam me perdoar e caso não, eu irei entender. Irei revelar o nome do meu amigo, mas peço três coisas antes disso: Poderiam colocar uma foto minha com a Eleonor da nossa primeira apresentação juntas na minha sepultura foi um momento mais feliz da minha vida, lírios roxos e girassóis são nossas flores favoritas, poderiam

fazem um buquê com elas, por favor. Segundo, gostaria de pedir desculpas por ter te deixado Eleonor, sei que irá passar por muitas coisas difíceis daqui para frente, e eu queria estar do seu lado para ajudar, espero que encontre outra pessoa para ficar com você minha cara amiga e a terceira coisa seria que sejam bons uns com os outros por favor não condenem mais ninguém, esses tempos sombrios vão acabar, eu sei que iram , só achem a pessoa certa para poderem confiar, para poderem chorar juntas e não deixar ela na mão, apesar de toda a escuridão que ainda existe no mundo, uma luz, pelo menos uma, ainda vai brilhar por você, eu gostaria de ter encontrado essa luz antes de ter tomado essa decisão.

Antes que eu me esqueça, o meu amigo disse que ele não irá se arrepender de ter feito isso, ele sabia da minha história e queria me ver bem, portando não o culpem por isso, ele se chama William Welfen, eu irei sentir falta dele, e de vocês também, novamente me desculpem, continuem se apresentando afinal o show não pode parar.

Com meus últimos agradecimentos,

Sophia Elizabeth Hans

O silêncio havia tomado novamente, todos estavam novamente quietos, mas estavam tristes alguns choravam baixo, como a Eleonor que estava abraçada com a Daniella, a Margô também estava paralisada de choque, acho que ninguém estava pronto para ouvir essa notícia, ninguém deveria estar ouvindo no final de tudo, porem eu deveria falar isso a Sophia gostaria de falar isso para eles, então me virei para o William, ele estava com o rosto para baixo, triste também.

— Senhor Welfen- digo com meu corpo tremendo- o senhor é culpado pela morte da dançarina Sophia Hans, como punição deste crime, você está preso.

— Via, você não tem que bancar a detetive seria comigo, eu vou me entregar para a polícia- ele falava com calma se aproximando de mim.

— Mas... eles vão te...- tentei falar como antes, mas a tristeza pegou o meu corpo

— Eles vão me torturar ou me matar eu sei disso Via, porem eu devo pagar pelo que eu fiz- ele tenta limpar as lagrimas do meu rosto- Eu quero que você entenda que eu só queria ajudar a minha amiga, espero que me perdoe... algum dia.- então ele me abraçou, com força, o nosso último abraço.

Depois de 20 minutos a polícia havia sido chamada, eles pegaram o William, e o jogaram no carro com brutalidade, eles agradeceram pelo meu trabalho e

foram embora, na janela o William estava sorrindo, o sorriso que eu iria sentir falta por um longo tempo. Quando a noite caiu, a Eleonor me acompanhou até o meu apartamento, ela disse que iria ficar em São Paulo, achava que era melhor não ficar perto das bailarinas que iriam trata-la pior do que antes, ela iria comprar lírios e girassóis para a Sophia quando fosse ver o tumulo, eu fiquei feliz em ouvir a notícia, seira bom ter alguém para conversar depois de tudo que aconteceu, nós ficamos admirando a luz da lua, ela tomando chá e eu tomando café, abraçadas e tristes mas tentando ficar bem, pois sabíamos que iríamos ter que ficar juntas para superar tudo o que iria vir em frente, talvez um novo caso iria aparecer em breve, vai saber quando.



Notas da autora

Olá a todos os leitores que leram a história por completo. Espero que tenham gostado, deu muito trabalho para criar e desenvolver todos os personagens da trama, este livro é muito especial para mim já que eu sempre quis tentar escrever um romance policial, meus amigos me ajudaram a escrever tudo, dando ideia sugestões e escrevendo trechos da história, aliás o último parágrafo do prólogo foi escrito pela minha amiga Bia e os desenhos feitos pela minha amiga Ellen. Gostaria de dizer que ao longo da narrativa, escrevi algumas referências que não estão numeradas, para ver se alguém percebe e ache legal.

No começo do rascunho, eu havia pensado em outras coisas para nossa protagonista, ela iria ser bem mais séria do que ela já é, porém a Olivia, que já estava na minha mente, não queria ser retratada dessa forma, então fiz cenas mais cativantes dela com os outros personagens (Na minha opinião, não sei se melhorou),

sobre o William, no início eu tive a ideia de ele ser italiano, para fazer referência ao Don Corleone, de O Poderoso Chefão, ou francês, fazendo referência ao detetive Hercule Poirot da Agatha Christie, e para fazer o cisne branco(Sophia) e o cisne negro(Eleonor) me inspirei na aparência e personalidade a atriz Marilyn Monroe, um ícone dos anos 60.

Bom isso é tudo que eu queria dizer para você meu caro leitor, se você gostou do livro, da Olivia ou de outra personagem, me procure, gostaria de saber o que você achou de legal, quero tentar fazer mais livros da Olivia no futuro, mas somente vou fazer isso se alguém realmente gostar da ideia, e agora fiquem com as notas da Olivia, ela não queria escrever sobre o que ela achou do livro mas eu a convenci do contrário, mais ou menos.



Notas da Olívia

Primeiramente eu não queria escrever sobre isso, a autora simplesmente apareceu no meu apartamento falando que queria um comentário meu pra colocar no livro, no começo eu disse claramente que não, afinal por culpa dela eu havia passado um dos piores momentos da minha vida, porem a Eleonor disse que seria bom falar sobre minha perspectiva como personagem então eu mudei de ideia.

Para começar, tudo ia muito bem até essa menina resolver fazer um livro sobre mim, eu já estava na mente dela, mas só como um pensamento bem raso, que provavelmente iria sumir em breve porque a mente dessa garota é muito estranha(“Pra que ofender?!”), mas ela resolveu fazer uma história mais detalhada, cenários, meus medos, minha aparência e então surgiu essa coisa que você está segurando(“Pra que ofender?! Parte 2”), não vou dizer que não estou feliz por poder ser um personagem de forma “oficial” porem é uma

sensação estranha saber que você, suas ações são controladas por um outro ser humano, no meu caso uma menina de 15 anos com nenhuma experiência de mundo ou de vida, mas é bom saber que essa autora tem bons planos para mim no futuro, só peço que não deixem ela fazer tudo de novo, se for assim eu vou precisar de terapia e duvido que ela vai pagar (“Ei! Eu sou tão pobre quanto você, ouviu? Então não vem com essa pra cima de mim!”), então por favor falem com ela depois para dar sugestões de novos personagens, histórias e etc.

Concluindo, eu só gostaria de falar um pouco sobre o que aconteceu depois dos acontecimentos do livro já que a autora teve preguiça de escrever (“Eu já disse que eu estava cansada demais pra continuar e escrever um epílogo!”), a Eleonor trabalha em uma loja de roupas aqui perto, ela está bem feliz de ter ficado aqui, nós visitamos constantemente o tumulto da Sophia como ela havia pedido, eu estou procurando um novo assistente mas acho que vai demorar um pouco, o dinheiro do último caso está sendo bem utilizado eu garanto, mas então eu estou trabalhando meio período na padaria Bella Paulista. Bom isso é tudo que eu posso dizer sobre o que está acontecendo agora, então fiquem bem ansiosos para o próximo livro.



Extras por Ellen Noletto



Olívia, a investigadora





Marina, a escritora





Sophia, o Cisne Branco



Eleonor, o Cisne Negro



William, assistente de
Olívia



Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a minha família por me apresentar ao grande mundo dos livros e por ter me apoiado na publicação deste livro, agradeço a Prof. Amarílis e a minha amada amiga Ellen por terem me ajudado na produção como também, aos meus amigos por terem contribuído na construção dos personagens, além de terem sido ótimos ouvintes á todas as minhas ideias.



Biografia



Sou Marina Silva da Costa Alencar, nasci em Teresina no Piauí no dia 18 de abril de 2009. Comecei a minha jornada literária com os clássicos infantis da literatura nacional. Atualmente, tenho 15 anos e estou no 9 ano no Colégio Pro Campus onde me inscrevi através da

Coordenação no concurso para ingressar na Academia Juvenil de Letras (AJULE) onde sou membro e através dela estou publicando o meu segundo livro com muita animação e felicidade.

